



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

UMA REVOLUÇÃO NO RECIFE¹

Lindanor Celina.

Esse foi o título da primeira crônica que enviei do Recife, e que se perdeu no caminho. Nela eu relatava minhas impressões sobre a terra maurícia e contava da verdadeira “revolução” que se operou naquela cidade com o advento do I Festival Nacional de Teatro do Estudante.

Foi como se um sopro mágico varresse o Recife de ponta a ponta, dando-lhe uma nova e singular alacridade. A alegria correu solta pelas ruas e pontes, e o entusiasmo geral era quase palpável. Os setecentos universitários com suas flâmulas ao peito tomaram conta da terra. E tudo ali passou a existir como que em função do Festival. Cartas e faixas, saudando, nas principais ruas e avenidas, os estudantes que do Brasil inteiro haviam acorrido ao chamado de Pascoal Carlos Magno, para, em tão magnífica realização, honrar Pernambuco. Imprensa e rádio dedicaram suas melhores páginas e programas a esse movimento cultural e artístico. Até essa pequena escriba virou importante, como integrante do “Norte Teatro Escola”, e por representar a FOLHA DO NORTE, naquele certame. E como tal, foi recebida, benza-a Deus com amáveis honrarias. Dei mesmo duas entrevistas, vejam só, a primeira, como dr. Benedito Nunes, Diretor de nosso grupo, na Rádio Clube de Pernambuco e Rádio Tamandaré; a segunda, na Rádio Jornal do Comércio, ambas, naturalmente, alusivas ao Festival e ao Pará. Assim, só tenho louvores para com a imprensa e o rádio

¹ CELINA, Lindanor. *Uma revolução no Recife*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, sábado, 02/08/1958.

Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

pernambucanos, por acolhida tão cordial e pronta com que receberam, não apenas “Norte Teatro Escola”, o que seria razoável e justo, mas a esta humilde filha da Amazônia.

Nesses dias memoráveis, o Recife virou Grécia, e os jardins do Derbi, nas manhas douradas, eram qual nova Acrópole, onde centenas de jovens, sentados na relva, escutavam, embevecidos, a palavra do espírito e da Arte.

Do Festival propriamente dito, seu vasto programa, seu conteúdo minucioso, contarei depois. Já sabem, todavia, que nele o nosso Pará surpreendeu a todos e a si próprio. Sim, não contávamos, absolutamente com tal êxito, que nos deixou a um tempo encantados e aturdidos. Nossa atuação foi, louvado seja Deus, um dos pontos altos do congresso, e isso nos deixou desvanecidos e emocionados.

Falei que houve uma “revolução”, no Recife. Uma revolução pacífica e bela, e oxalá todas nesse mundo se lhe assemelhassem. E vim encontrar minha terra também revolucionada por um grandioso movimento espiritual. As Santas Missões tomaram conta da cidade, e isso é bom e edificante, Belém também está festiva, voltada igualmente às coisas do espírito, e é grato contatar isso. Mas como a alegria é nessa vida o sentimento mais mesclado, nunca é perfeita nem íntegra, havia eu de experimentar essa tristeza com meu amigo Carlos Lima, a quem deixei na paz e no trabalho honrado, e vim encontrar em desolação amanhã. Por que estranhos e fatais caminhos foi conduzido esse home que eu conheço pacífico e bom, para chegar a protagonista de tal tragédia? Tragédia e dramas eu os vi, muitos, nesse encontro de Arte, no Recife – “Os Espectros”, de Ibsen; cenas de Hamlet, Othello e Medeia, mas tudo no palco, na ficção. E vim achar o amigo vivendo uma outra, na de mentira, mas autêntica. Estranho mundo este, de tristes surpresas e brutais contrastes!...